

A VELHICE E O FEMININO NA PSICANÁLISE E SUAS INTERSEÇÕES COM A OBRA “*LE TRE ETÀ*” DE GUSTAV KLIMT

Ênio de Almeida Brito Neves¹
Ana Clara Ribeiro Cabral e Mota²
Juliana Fonsêca de Almeida Gama³

RESUMO

O fenômeno do aumento da proporção de idosos na sociedade contemporânea brasileira vem exigindo dos meios de produção de saberes novos posicionamentos em relação à velhice. A psicanálise traz a perspectiva do sujeito do inconsciente, que, psiquicamente não envelhece, mas é convocado a se encontrar com o real que emerge diante do envelhecimento do corpo. A mulher, especificamente, no seu processo de encontro com a falta estruturante, se coloca num movimento de significativo investimento libidinal na imagem do seu corpo para fazer semblante na tentativa de lidar com a falta e seduzir o seu objeto de desejo. Na velhice, porém, ela se depara com o corpo velho, antes libidinizado, mas atravessado pelas marcas do tempo e que também é situado num não lugar de produtividade pela sociedade capitalista, que investe num projeto de alcance de uma juventude permanente. A arte, por sua vez, também possui a função de proporcionar o encontro com o Real que causa o sujeito. Dito isso, o artigo buscou, a partir da Análise Semiótica, trazer elementos da obra “*Le tre età*” de Gustav Klimt (1905) separados em três grandes temas: o *Isolamento*, *O Corpo Velho* e *Luto e Perda*, para discutir o lugar da velhice no discurso social, bem como suas representações. Percebemos que, diante do envelhecimento do corpo, pode haver novas possibilidades de amarração e de resgate do idoso como sujeito do desejo considerando-se que, apesar de possuir um corpo em declínio biológico, a velhice pode ser também um momento de realização de novos investimentos.

Palavras-chave: Corpo. Velhice. Feminino. Arte. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

O aumento da proporção no número de sujeitos idosos no contingente populacional brasileiro (MIRANDA *et al.*, 2016; FLORES, 2015) vem requerendo um debruçar das ciências e de outros saberes sobre ele, numa tentativa de compreensão e intervenção sobre a velhice. Nessa perspectiva, percebe-se o desenvolvimento de um saber psicanalítico que busca dar conta das demandas subjetivas decorrentes do envelhecer, demandas estas que estão atravessadas por significações sociais que proporcionam o surgimento de inscrições sobre a velhice (MUCIDA, 2004).

Mucida (2004) aponta que a psicanálise ainda não havia se debruçado de maneira mais intensa sobre a clínica do idoso, tanto por considerá-lo um adulto qualquer, como pelo permanecer de uma “herança” freudiana que aponta que, na velhice, as defesas já se

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, eniobrito5@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, anaclararcota@gmail.com;

³ Professor orientador: mestre em Psicologia pela UFPE, professora substituta da UEPB, julianafgama@hotmail.com.

encontrariam “cristalizadas”. Além disso, supunha-se que, pelo fato de a vida estar chegando ao fim, não haveria tempo suficiente para mudanças e retificações subjetivas (MUCIDA, 2004). O próprio Freud chegou a afirmar que a pouca elasticidade mental das pessoas acima dos 50 anos de idade dificultaria o proveito da análise. Embora ele tenha reconhecido que suas formulações diagnósticas não eram definitivas, não evitou o marco de uma espécie de pessimismo direcionado à análise de idosos (ALTMAN, 2011).

Vale salientar que as faixas etárias correspondentes à velhice estão em constante mudança ao longo dos séculos. O aumento da expectativa de vida na sociedade ocidental suscitou um prolongamento da capacidade produtiva desse sujeito e, por conseguinte, mudaram-se os parâmetros sociais relacionados à idade e a visão psicanalítica (ALTMAN, 2011). Dessa maneira, concebe-se que a velhice se apresenta como um Real para o sujeito que a vivencia; um Real que emerge no corpo e que causa estranhamento ao olhá-lo no espelho; um Real que aproxima da morte e que não está em consonância com a atemporalidade do inconsciente (ROSA *et al*, 2015; MUCIDA, 2004).

Dito isso, pensa-se a arte como um elemento que também pode se configurar como veículo de apresentação do Real para o espectador, quando esta traz pontos que causam estranhamento e incômodo diante do infigurável. Expondo esse vazio, Mello (2014) complementa que o artista necessitou deixar-se tocar por esse Real para então, transmiti-lo ao espectador, sendo assim a reverberação desse desconforto.

Unindo-se, pois, as duas temáticas, arte e envelhecimento, nos valem, neste trabalho, da Análise Semiológica para apreender os elementos da pintura “Le tre età” de Gustav Klimt (1905), num processo de 1) escolha da imagem a ser analisada; 2) construção de um levantamento sistemático dos conteúdos do material; 3) Exame dos níveis de significação; e, por fim, a discussão dos resultados encontrados (PENN, 2002).

A apreensão dos elementos da pintura nos permitiu apontar três grandes temas por ela representados: *Isolamento*; *O corpo velho* e *Luto e Perda*. A obra separa a juventude da velhice numa dicotomia que causa impacto, refletindo também, uma perspectiva da sociedade contemporânea de valorização do novo, associado ao belo, em detrimento do velho, associado à feiura e declínio (NERI, 2006). Os corpos são os elementos centrais da pintura e o corpo velho se apresenta como ponto conflituoso do quadro (ROSITO, 2014). Nos remetemos também à desvalorização do corpo do idoso, tanto por um movimento de desinvestimento da imagem corporal, que antes era motivo de júbilo, quanto por esse corpo estar atravessado

pelos significantes sociais de uma sociedade que coloca o corpo jovem e produtivo como ideal (MUCIDA, 2004).

Por fim, a obra, ao trazer os três tempos da vida, faz uma integração temporal na qual podemos nos valer para afirmar que o jovem e a criança não se perdem no psiquismo do velho, que necessita fazer novas amarrações simbólicas para dar conta do luto decorrente do envelhecimento do corpo, da perda de laços sociais, da aproximação com a morte proporcionada por esse novo tempo (MUCIDA, 2004; ALTMAN, 2011).

Sendo assim, pontuamos que a velhice, mesmo se configurando como momento de encontro com a finitude, ainda apresenta possibilidades de vida, pois o sujeito ao qual se volta a psicanálise é o sujeito do inconsciente, movido pelo desejo, que não cessa enquanto houver vida, pois o inconsciente não está submetido às vicissitudes do tempo (MUCIDA, 2004; FREUD (1915/2010)).

METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de cunho qualitativo, utilizando-se da Análise Semiológica para a análise da obra “*Le tre età*”, de Gustav Klimt (1905), sob os seguintes passos: 1) *Escolha do material*; 2) *construção de um levantamento sistemático dos conteúdos do material*; 3) *Exame dos níveis de significação*; e, por fim, a *discussão dos resultados* encontrados (PENN, 2002).

DESENVOLVIMENTO

Na teorização de Freud sobre os processos inconscientes, ele aponta para a atemporalidade destes (FREUD, 1915/2013). Lacan, em sua leitura da teoria freudiana, indica o inconsciente estruturado como uma linguagem (LACAN, 1964/2008) e que essa mesma linguagem que faz inscrição no sujeito não está atravessada pela temporalidade. Essa ideia é recuperada por Flesler (2012) para indicar que o sujeito que chega à clínica, e é o objeto para o qual se volta a psicanálise, “não tem idade, mas tempos” (FLESLER, 2012, p.19). A partir disso podemos afirmar, portanto, que ele não envelhece (MUCIDA, 2004). Com essas formulações foi possível dar lugar à palavra do idoso que, além de possuir um corpo atravessado pelo Outro, se depara com o real da velhice, sendo convocado a fazer novas amarrações de maneira a tentar dar conta desse Real que emerge.

A constituição do sujeito, porém, não se dá de maneira separada da ordem social na qual nasce inserido. Ela necessita dessa ordem que preexiste à chegada dele no mundo e que é essencial para fundar o sujeito do inconsciente (ELIA, 2010), a partir de um Outro que

proverá “o esqueleto material e simbólico, sua estrutura significante” (ELIA, 2010, p.40), fazendo com que o sujeito possua, portanto, uma estrutura de ordenação discursiva da realidade (TEIXEIRA, SANTIAGO, 2017).

Os significantes que circulam no discurso social sobre a velhice e tentam nomeá-la variam de acordo com cada cultura e cada recorte histórico-cultural, mas incidem sobre os sujeitos e provocam efeitos (MUCIDA, 2004). Apesar de o sujeito vivenciar os fenômenos da vida a partir das inscrições da sua própria história, os significantes culturais o atravessam. Sendo assim, podemos chegar a afirmar que “a velhice é também um efeito do discurso” (MUCIDA, 2004, p.28) e ser velho, hoje, se inscreve de uma maneira diferente do que ser velho nos tempos de Freud, Klimt e da criação da psicanálise.

Numa pesquisa sobre os meios simbólicos de produção cultural e circulação dos saberes sobre a velhice, Neri (2006) aponta alguns significantes encontrados em textos jornalísticos e artísticos sobre esse momento da vida. Os autores a associam à: *passividade, improdutividade, morte, declínio, doença e feiura, tristeza*, além de outros aspectos. Correa (2009) em sua pesquisa com os idosos, além de apontar para a repetição de alguns desses significantes, aponta algumas falas que trouxeram elementos como o *peso*, em que a velhice se associa à experiência de carregar um fardo.

O ideal capitalista de produtividade é responsável pela criação de um discurso sobre a velhice que vem ganhando espaço no cenário atual. Segundo Foucault (2017), o capitalismo foi responsável por um investimento no corpo vivo, buscando extrair dele o máximo das suas potencialidades produtivas para inseri-lo na dinâmica econômica da sociedade. O corpo velho, porém, seria situado nesse não-lugar de produção, visto que o inevitável declínio das suas funções biológicas seria responsável pela perda das capacidades e exclusão do idoso da rede da economia. Na contemporaneidade e o seu imperativo do gozo, “a velhice marca, na maioria das vezes, aquilo que faz limite ao gozo” (MUCIDA, 2004. p.85).

O que circula em nossa sociedade ocidental é o discurso da velhice enquanto *indesejável*, numa exaltação de uma figura perene de juventude (CORREA, 2009). Vivenciar a velhice é se deparar com algo de estranho que é apontado pelo outro, mas difícil de ser reconhecido pelo sujeito que envelhece: a finitude da sua própria vida (ALTMAN, 2011). Para Freud (1919/2019), o inconsciente não apresenta espaço para a representação da própria mortalidade e o encontro com a possibilidade da morte se constitui como algo da ordem do estranhamento, do encontro com o não familiar. No olhar para o espelho há um desencontro entre a imagem refletida de um corpo envelhecido e o inconsciente atemporal (ROSA *et al*,

2015), propiciando o desenvolvimento de um processo de luto, visto que a imagem corporal, antes investida pela libido e que foi motivo de júbilo, perderá esse investimento (MUCIDA, 2004; GRECO, 2011).

Freud (1930/2010) indica que o sofrimento pode ameaçar o ser humano em três lados: *o do corpo*, que é fadado ao declínio e à dissolução; *o do mundo externo* e suas forças destruidoras; e das *relações com os outros seres humanos*. Em relação ao declínio do corpo, no qual a velhice dá a sua mostra, podem aparecer dor e medo. Na tentativa de lidar com esse sofrimento, Freud apresenta algumas alternativas que o sujeito recorre, sendo a última *a intervenção na natureza a partir das técnicas da ciência*. Nesse caso, podemos colocar o corpo da velhice também submetido a esses “ataques”, numa tentativa de mantê-lo produtivo, ampliar as suas aptidões, extrair o máximo de sua força e, principalmente, para as mulheres, mantê-lo bonito através do cuidado de si e da orientação de especialistas (NERI, 2006; MUCIDA, 2004).

Ao teorizar sobre o feminino, a psicanálise desligou-se da ideia de incapacidade atribuída a esse gênero, afinal, a mulher dentro da análise obtinha idêntica melhora de seu quadro sintomático quando comparada a um homem. Embora hajam diferenças desde a anatomia até a conseqüente estruturação psíquica decorrente dessas distinções, a mulher assume uma modalidade gozo, portanto constitui-se como sujeito diante da falta (SOUZA, 2017; FREUD 1925/2010). Sobre essa constituição, Nascimento e Silva (2014) indicam que a mulher pós-moderna realiza isso a partir do espetáculo da beleza.

No processo de significação, a imagem ocupa o lugar do ser. Este lugar, por sua vez, é vazio (SANTANA, 2014). Desse modo, no processo de constituição subjetiva, o indivíduo produz uma ilusória identidade no encontro com a sua imagem, ou seja, o ser é apoiado no narcisismo da imagem do corpo (NASCIMENTO, SILVA, 2014). Nesse contexto, aquilo que está posto como imutável não é somente a relação da mulher que faz uma atribuição fálica à beleza, mas, sobretudo a manifestação narcísica de investimento libidinal no próprio corpo que resulta, posteriormente, no oferecimento deste como objeto de desejo, numa constante tentativa de dar conta dessa falta constituinte pondo um véu para encobri-la (SANTANA, 2014).

Acerca da arte como representação da realidade, Kon (1996) reflete a respeito da perspectiva freudiana sobre a arte, colocando-a como limitada “quando este a entende como uma produção fantasmática tal qual o sonho ou o sintoma” (p.3). Por ora, observa-se que, regidos pelos preceitos psicanalíticos, é incabível negar a subjetividade do autor impressa na

obra de arte em questão. No entanto, é inegável admitir-se também a força e as influências advindas do imaginário.

No contexto da modernidade vienense, o movimento artístico de Secessão - do qual Klimt foi um dos líderes - surgiu no intuito de acabar com o academicismo vigente que apregoava apenas a importância da técnica para a reprodução dos quadros, pois estes visariam apenas uma reprodução fotográfica da cena de modo a garantir a rentabilidade. Gustav Klimt, discordando deste exercício artístico, propôs uma mudança no paradigma do que seria a arte diante da conjuntura do “fin-de-siècle”, reivindicando o direito da criação artística. Pertencente ao movimento da Art Nouveau, seguindo a corrente do simbolismo, o pintor expôs outras reproduções da realidade, e então guiado pelo simbólico, fez emergir o imaginário conflitante de sua época “tratando de um artista importante com novas visões de mundo e relações com o corpo” (CABO, 2007, p.112).

Souza (2017, p.57) coloca que “sua pintura causa um constrangimento de um ato analítico: não se sabe exatamente o porquê, mas algo incomoda”. Sobre esse incômodo, Recalcati (2009 apud MELLO, 2014) coloca que a arte passou a ser compreendida como veículo que permitiria esse encontro com o real. Lacan primeiramente afirma que a arte é um indício do real, pois o artista coloca em cena o vazio, circunscrevendo-o com uma borda significativa. Depois, passa a considerar que esse real não está obscurecido na tela, portanto ele se apresentaria nela como uma confirmação da falta (MELLO, 2014).

Nesse panorama, o rompimento com o belo - uma das propostas da arte moderna - possibilitou que a produção artística viesse a presentificar o infigurável, ou seja, o Real. Ademais, com esse afastamento da técnica clássica, toca algo para além do objeto: “assim, o artista surpreende na medida em que produz algo com um toque de real e isso só se dá quando ele mesmo é tocado por esse real” (MELLO, 2014, p.55). Outrossim, ele reduz o imaginário simbolizando o radical sozinho diante da inexistência da significação, demonstrando a assemântica do simbólico (MELLO, 2014).

O feminino é um tema que perpassa a maior parte das obras de Gustav Klimt. O artista se debruça num movimento do destaque a mulher, apresentando uma ótica que conflitava com as representações da feminilidade na sociedade vienense do “fin-du-siècle”: a mulher foi resgatada enquanto um ser “sexual, materno, místico” (SOUZA, 2017, p.59), expressa também a partir de uma captura do olhar do observador pela via da sedução. Essa sedução, por sua vez, se dá pela via do corpo. O investimento sobre a imagem corporal permite a mulher a criação de um semblante para se colocar como objeto de desejo (SOUZA, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



“*Le tre età*” (1905)

Isolamento

Na pintura é evidente um teor dissociativo entre a figura da velha e as outras duas personagens. Essa separação é indicada primordialmente pelos fundos diferentes de cada uma delas; depois, a altura das imagens difere-se aparentando uma estar mais “alta” que a outra. O limite dessas duas figuras representa-se também na paleta de cores escolhidas pelo autor, de modo que isso marca ainda mais essa visão bipartida entre o velho e o novo.

O artista pareceu colocar um claro limite que separa a idosa dos outros dois corpos jovens, visto que o corpo velho se encontra circunscrito por um fundo de tons mais alaranjados com manchas negras, ao passo em que os corpos mais jovens se encontram mergulhados numa profusão de tons azulados e esverdeados, envolvidos por um véu que confere sensação de leveza. No lado oposto ao do corpo velho, se encontram dois outros corpos: jovens e de pele branca, com as faces coradas que parecem não ter sofrido a ação destruidora do tempo. Além disso, as suas expressões denotam uma tranquilidade aparentemente imperturbável, em que mãe e filho se entrelaçam nesse movimento de investimento mútuo acolhedor.

Em detrimento da visão negativa da velhice fortificada ao longo dos anos com as instâncias produtoras de saber, à exemplo do capitalismo, o antigo lugar de poder do idoso cedeu às colocações de improdutividade do ideário mercadológico. Em algumas sociedades e recortes históricos, o idoso ocupava o lugar do saber e da experiência, muitas vezes associado a uma visão sagrada (MUCIDA, 2004). Na sociedade contemporânea, essa visão sofreu alterações e esse sujeito sábio foi desqualificado diante da sua ‘desatualização’ sobre o mundo (ALTMAN, 2011) pois, além do imperativo do gozo, temos também o *imperativo do novo*.

Assim, isentando o idoso de uma função produtiva e o afastando da dinâmica social, “pensamos que nossa sociedade atual tem, de fato, características que propiciam o isolamento e a solidão do idoso, sobretudo aquele que vive nas grandes metrópoles” (ALTMAN, 2011, p.194).

O Corpo Velho

Na obra analisada existe um elemento que perturba a cena posta e se caracteriza como conflito central: o corpo da mulher idosa (ROSITO, 2014). Notamos uma diferença clara entre a representação dos três corpos que ali se apresentam. A idosa, cabisbaixa, teve a sua pele pálida pintada com um tom mais amarelado. Seu corpo franzino apresenta as marcas do tempo: a pele enrugada, os cabelos embranquecidos, as veias que saltam nas suas mãos, a barriga protuberante, a coluna envergada.

Pode-se notar a nudez completa desse corpo velho, o que remete à noção de desproteção/vulnerabilidade desse corpo; o corpo despido encontra-se trépido, com a cabeça voltada ao chão e uma das mãos cobrindo-lhe o rosto por inteiro - gerando uma sensação de desconforto na exposição, reforçado pela impressão diametralmente oposta do englobo maternal ao lado. A dualidade apresentada pelo artista resgata um Real que escancara na velhice as marcas advindas do tempo, dentre elas o horror do cansaço e a deslibidinização desse corpo feminino, antes sustentado na beleza, sendo instrumento de sedução. Assim, “por portar um corpo não mais valorizado, alguns idosos podem se sentir isolados; a falta de contato pode diminuir o fluxo libidinal” (CHERIX, 2015, p. 44). A barriga pode ser interpretada como marca de um tempo que se foi - o da procriação, tempo da produtividade que se perdeu com a chegada da velhice (ROSITO, 2014).

Nesse cenário, com a tentativa de manter o corpo jovem, a sociedade constrói um conjunto de técnicas e rotinas disciplinadas que prometem combater os efeitos do tempo sobre o corpo, num discurso de obtenção de saúde e manutenção da beleza, atingindo mais fortemente o gênero feminino (DOURADO; LEIBING, 2002). As vicissitudes advindas da velhice não seriam, então, fruto do curso natural da ação do tempo, mas responsabilidade dos sujeitos que não se dedicaram o suficiente no cuidado e manutenção do seu corpo. “Só envelhece quem quer” é uma das enunciações que dizem respeito a essa responsabilização excessiva pelo declínio das funções corporais (PIRES, 2003). Se buscará, portanto, especialistas que irão conduzir “a arte de envelhecer” (NERI, 2006), intervindo o quanto podem para mascarar o real da velhice (ROSA *et al*, 2015).

Além disso, o contraste velho-novo pode representar o encontro do idoso com o espelho e este pode se apresentar como desagradável. Nos primeiros momentos de vida, o encontro com o espelho causa júbilo e cria uma “relação libidinal essencial com a imagem corporal” (GRECO, 2011, p.1) e essa imagem é carregada pelo sujeito ao longo da sua vida (MUCIDA, 2009). A velhice, porém, é motivo de estranhamento quando olhada no espelho, pois parece haver um desencontro entre um inconsciente atemporal e um corpo que carrega as marcas da finitude (ROSA *et al*, 2015), da possibilidade do encontro com a morte (MUCIDA, 2004).

Por investir o corpo para a assunção de um semblante que terá a função de despertar o desejo do outro, o encontro da mulher com o espelho, tanto pelo ideal social quanto pela função que esse corpo ocupa, pode ser da ordem do assustador. Esse encontro também é motivo de luto, visto que a energia que estava investida nessa imagem corporal perde o seu destino e se volta para o Eu (FREUD, 1917/2013), podendo ser reinvestida em outros objetos, conferindo também novos sentidos à velhice, na concepção de que o desejo permanece a circular (MUCIDA, 2004).

Luto e perda

O enfrentamento das perdas reais e simbólicas vivenciado pela mulher na velhice é demonstrado na pintura devido uma postura de desamparo, referenciando o medo frente à falta e as faltas: de atividade, saúde, companhia e desejo (DOURADO; LEINBING, 2002). Portanto, esse processo exige um reposicionamento subjetivo possibilitado através da mudança de processos intrapsíquicos profundos, visando a aceitação desse corpo estranho e limitador que, no entanto, não lhe impede de realizar uma nova elaboração que lhe traga satisfação (CHERIX, 2015). De modo que no feminino é possível redirecionar essa saída de atribuição fálica à beleza como único posto à condição de sujeito desejado/desejante.

Diante de uma imagem negativa as possibilidades de existência tornam-se escassas pelo desinvestimento do social, “pois o corpo envelhecido não teria mais interesse como objeto de investimento” (CHERIX, 2015, p.45), acarretando, assim, consequências diretas no processo de subjetivação. Desse modo, a proposta apresentada por Messy (2007 apud CHERIX, 2015, p.45) é salientar que “pode existir uma tendência de se retirar as emanções da libido dos objetos de amor e voltar sobre o Eu a energia libidinal”.

Da mesma maneira, numa elaboração efetiva do luto, o sujeito passa a desligar a sua libido daquele objeto que foi perdido para então vinculá-la a outro (ALTMAN, 2011).

Portanto, “esse é um momento de necessidade de elaborar perdas e luto e, por outro lado, reinventar novos padrões de vida que possibilitem ganhos” (ALTMAN, 2011, p. 197). Na especificidade feminina, isso seria trazido como movimento de uma retratação da modalidade constitutiva no posicionamento desta diante da falta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de dialogar com a obra “*Le tre età*” de Gustav Klimt é trazer à discussão o Real do envelhecimento feminino, implicado por esse corpo de mulher que se constituiu na atribuição fálica do ideal da beleza como posicionamento diante da falta.

Salientando o conflito vivenciado pelo encontro com a possibilidade da finitude, propõe-se a perspectiva de que existam novas possibilidades de cobertura desse Real pelo Simbólico e Imaginário. Dessa forma, a clínica do idoso busca recuperar o sujeito do desejo, cerceado por essa antiga posição diante do Real.

A elaboração do luto feminino permite um refazimento da relação do sujeito com seu próprio corpo. Sobre isso, em *Transitoriedade* (1916), Freud aponta que “vemos a beleza do corpo humano se desvanecer de nossa própria vida, mas esta enfemeridade acrescenta, com seus estímulos, uma nova beleza”.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Miriam. O envelhecimento à luz da psicanálise. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 193-206, mai./jun. 2011.

CABO, M., Klimt e a alteridade do feminino. Campinas, III Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP [ATA], 2007. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2007/CABO,%20Manan%20Terra.pdf>>. Acesso em: 06.jun.2019.

CORREA, Mariele Rodrigues. Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579830037. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109097>>.

CHERIX, Kátia. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, jan./jul. 2015.

DOURADO, Márcia; LEIBING, Annette. Velhice e suas representações: implicações para uma intervenção psicanalítica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 38-45, jun./set; 2002. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7759/5607>>. Acesso em: 06.jun.2019.

FLESLER, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

FLORES, Luis Patricio Ortiz. O Envelhecimento da População Brasileira. **Revista Eletrônica do Departamento de Ciências Contábeis & Departamento de Atuária e Métodos Quantitativos (REDECA)**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 86-100, maio 2016. ISSN 2446-9513. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/redeca/article/view/27901>>. Acesso em: 12 maio 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

_____. O inconsciente (1915). In: _____. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 38-60.

_____. A transitoriedade (1916). In: _____. **Arte, Literatura e os artistas**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018. p. 221-225.

_____. **O infamiliar (1919)**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

_____. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). **O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p.283-299.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. **O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010. p. 13-122.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2010.

GRECO, Musso. Os espelhos de Lacan. **Opção Lacaniana**, n. 6, p.1-13, 201. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf. Acesso em 04 Junho 2019.

KLIMT, Gustav. **Le tre età**. [1905]. Óleo sobre tela. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/le-tre-et%C3%A0/rAEe45CoVy3F0w?hl=pt-BR>. Acesso em 05 jun 2019.

KON, N.M. **Freud e seu duplo: reflexões entre psicanálise e arte**. São Paulo, EDUSP/Fapesp, 1996.

LACAN, Jacques. O Inconsciente Freudiano e o Nosso (1964). In: _____. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008. p.25-35.

MELLO, Letícia. Um estudo sobre o real e sua relação com a invenção artística e psicanalítica. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, v. 9, n. 18, p. 50-60. Rio de Janeiro, mai./out. 2014.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências

sociais atuais e futuras. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 507-519, jun. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000300507&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: em 14 maio 2019.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece - Psicanálise e velhice**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

MUCIDA, Ângela. Identificação e Envelhecimento: do espelho que não se quebra e outros espelhos. **Revista Kairós: Gerontologia**, [S.l.], v.12, fev. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2666> . Acesso em: 06 jun 2019.

NASCIMENTO, Christiane Moura; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. Sujeito mulher: a imagem da beleza. **Revista Subjetividades**. [online], v.14, n.2, p. 343-357. ISSN 2359-0769. 2014.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e Crenças sobre Velhice: Análise de Conteúdo de Textos do Jornal O Estado de São Paulo Publicados entre 1995 e 2002. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (orgs.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Campinas. Alínea, 2006.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: _____ BAUER, Martin W; GASKELL, George. Petrópolis, Vozes, 2002. P. 319-342

PIRES, André. A Batalha Contra o Tempo: relações com o corpo tendo e vista o processo de envelhecimento em Cláudia e Playboy (anos 80 e 90). In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). **Infância e Velhice: pesquisa de ideias**. Campinas. Alínea, 2003. p. 59-75.

ROSA, Carlos Mendes; VERAS, Lana; ASSUNCAO, Alysson. Reflexos do tempo: uma reflexão sobre o envelhecimento nos dias de hoje. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 3, p. 1027-1044, nov. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2019.

ROSITO, Valeria. (Obs)cena: o lugar do desejo feminino em Gustav Klimt e Clarice Lispector. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 151-171, maio 2014. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2014000100009>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

SANTANA, Vera Lucia Veiga. **O Mistério do Gozo Feminino**. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/textos-online/o-misterio-do-gozo-feminino/>.

SOUZA, Tharso Peixoto Santos e. As Mulheres de Klimt: o Real do Feminino. **Psicanálise & Barroco em revista**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 02, p. 56-74, dez. 2017.

TEIXEIRA, Antônio; SANTIAGO, Jesús. Semiologia da percepção: o enquadre da realidade e o que retorna no real. In: TEIXEIRA, Antônio; CALDAS, Heloisa. **Psicopatologia lacanianiana I: semiologia**. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.